Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, julho de 2023

O "ENSINO ESPECIAL DA HYGIENE DA BOCCA": PROPOSTAS HIGIENISTAS PARA A EDUCAÇÃO PARAENSE NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XX

Marcelino Carmo de Lima
Secretaria Municipal de Educação de São Miguel do Guamá

Resumo

O propósito deste artigo é analisar o caráter higienista presente em discursos de cirurgiões dentistas veiculados em periódicos e jornais na segunda década do século XX, em Belém do Pará. Nesse momento, o movimento higienista, surgido na Europa, foi difundido por profissionais cirurgiões dentistas na capital paraense. Foram encontrados três artigos publicados na imprensa local no período investigado, mais precisamente, no jornal *Estado do Pará* e no periódico educacional *O Ensino.* Para a análise desses artigos, consideramos importantes as reflexões teórico metodológicas de Foucault sobre a análise do discurso. Constatou-se que os discursos dos cirurgiões dentistas, no que diz respeito ao higienismo, estiveram relacionados com a proposta de intervenção na prática educacional nas escolas públicas de Belém nesse período. Constatou-se ainda que há a presença do caráter assistencialista e caridoso tanto nas propostas quanto nas práticas detectadas, assim como há indícios de que os cuidados bucais sugeridos pelos cirurgiões dentistas para as escolas, tenham se iniciado com a Clínica de Assistência Dentária, em 1915, a qual era vinculada à Escola Livre de Odontologia do Pará, criada em 1914.

Palavras-chave: Discursos Higienistas; Cirurgiões Dentistas; Educação; Pará.

Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, julho de 2023

THE 'SPECIAL TEACHING OF ORAL HYGIENE': HYGIENIST PROPOSALS FOR EDUCATION IN PARÁ IN THE SECOND DECADE OF THE 20TH

Marcelino Carmo de Lima
Secretaria Municipal de Educação de São Miguel do Guamá

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the hygienist character present in speeches by dentists published in periodicals and newspapers in the second decade of the twentieth century, in Belém do Pará. At that moment, the hygienist movement, which emerged in Europe, was spread by professional dentists in the capital of Pará. Three articles published in the local press during the investigated period were found, more precisely, in the *Estado do Pará* newspaper and in the educational journal *O Ensino*. For the analysis of these articles, we consider Foucault's theoretical and methodological reflections on discourse analysis to be important. It was found that the speeches of dentists, with regard to hygienism, were related to the proposal of intervention in educational practice in public schools in Belém, in that period. It was also found that there is a charitable and charitable character both in the proposals and in the practices detected, as well as there are indications that the oral care suggested by dentists for schools began with the Dental Assistance Clinic in 1915, which was linked to the Escola Livre de Odontologia do Pará, created in 1914.

Keywords: Hygienist Speeches; Dental Surgeons; Education; Pará.

O “ensino especial da hygiene da bocca”: propostas higienistas para a educação paraense na segunda década do Século XX

1 Introdução

> *Dos numerosos trabalhos publicados sobre as epidemias em geral e particularmente sobre a epidemia da grippe, que ainda nos flagella em forma endemica, resulta que a propagação dessas molestias se faz, as mais das vezes, pelas vias respiratórias e digestivas superiores. Por isso, também, todos os conselhos de prophylaxia dados no decorrer desses trabalhos, preconizam unanimemente a pratica duma hygiene especial das fossas nasaes e da bocca. (* MUNIZ, 1919)

Na epígrafe acima, o trecho foi publicado na revista *O Ensino*[1], “revista mensal de pedagogia, literatura, artes e ofícios”, que circulou no Estado do Pará, na primeira metade do século XX. O texto integra o artigo do cirurgião dentista Júlio Muniz[2], intitulado *A hygiene quotidiana da bocca: a sua importancia prophylatica nos casos de epidemia*, publicado em 1919. Este texto refere-se às orientações sobre a prevenção e profilaxia de doenças infectocontagiosas por meio das vias respiratórias e orais, evidenciando os cuidados a serem tomados dentro do que representava a temática da higiene oral naquela época. A higiene, no sentido geral, era uma área de conhecimento que encampava vários debates na época, não só no Brasil, mas em todo o mundo, em decorrência do acontecimento de uma pandemia da gripe espanhola, em 1918, à qual, possivelmente, o autor se refere no texto, embora não a defina.

O período de transição do século XIX para o XX significou um momento de intensas transformações sociais no Brasil, tendo, como pano de fundo, o contexto de mudança do Império para a República e a emergente mudança no modo de produção predominantemente escravagista, que estava sendo paulatinamente substituído pelo modelo de produção capitalista, que passou a explorar a mão de obra imigrante europeia (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

Nesse período, algumas capitais brasileiras passaram por um profundo processo de urbanização, diretamente ligado ao capitalismo e à industrialização, que alterou significativamente seus espaços físicos e o modo de vida de suas populações. O crescimento da urbanização e da modernização também atingiu algumas capitais da Amazônia, cidades como Belém e Manaus foram significativamente transformadas pelos produtos materiais e ideológicos provenientes da Europa.

[1] A revista *O Ensino*, que se descrevia como uma revista de circulação mensal cujos temas abordados situavam-se nas áreas de pedagogia, literatura, artes e ofícios.

[2] É necessário esclarecer que Júlio da Cunha Muniz diplomou-se cirurgião dentista pela Faculdade de Medicina da Bahia. Foi membro da Sociedade Dentária do Pará e exerceu a profissão em instituições como o Instituto Lauro Sodré e a Escola Livre de Odontologia, onde foi convidado para lecionar nas cadeiras de Prótese e de Técnica Odontológica, em 1915. (LIMA, 2016)

Soma-se a isso o *boom* econômico ocasionado pelo ciclo do látex, que permitiu a essas capitais vivenciarem o seu esplendor econômico com todas as suas glórias e grandezas, juntamente com suas mazelas e contradições sociais. (DAOU, 2004; SARGES, 2004; DIAS, 2007)

No âmbito dessa modernização à moda europeia, a higiene e o saneamento estavam na vanguarda dos projetos do país rumo à modernidade, tendo em vista que a expansão desordenada das cidades, como consequência da crescente urbanização, foi acompanhada pelo surgimento de problemas significativos no modo de existência de vida das populações perante à nova face da urbanização. Esses problemas estavam ligados à higiene e ao saneamento, que, de certa maneira, seriam abraçados pelo poder público no exercício de gerenciamento e manejo do corpo social (ALVES, 1997). Conforme assinala Daou (2004, p. 25), "a renovação das cidades, o afastamento dos pobres dos limites urbanos, o rompimento com padrões coloniais e o cosmopolitismo passam a fazer parte das cidades ditas progressistas", as quais passariam a ser transformadas pelos projetos urbanísticos, "pelas medidas higienizadoras e pelas várias medidas de controle social".

Nesse contexto, os médicos brasileiros, que já gozavam de certos privilégios na sociedade, tornaram-se atores de importância social ainda maior, visto que a higiene e o saneamento eram diretrizes básicas para os projetos de modernização. Sanitaristas e higienistas, em especial, foram reconhecidos como os possuidores de um conhecimento "verdadeiro", que "atribuía à higiene um caráter exorcizador até então desconhecido e à saúde uma extensão" nunca antes vista (STEPHANOU, 2011, p. 147).

> Fundados no discurso da neutralidade da ciência, os médicos apresentaram-se como arautos de uma poderosa alternativa para a cidade, seu espaço e sua população. Uma medicina social, urbana, paulatinamente se legitimou pelo caráter de cientificidade moralizador e salvacionista. (STEPHANOU, 2011, p. 147).

Os discursos higienistas que, exaltadamente, circulavam também conquistaram espaço inclusive no âmbito educacional brasileiro. Ferreira (2003) aponta que, na transição para o século XX, a escola passou a ser o foco do discurso higienista. Conforme assevera Stephanou (2011), o discurso dos médicos atingiu práticas discursivas de diferentes grupos sociais, destacadamente os educadores, uma vez que, ao conceberem um discurso que pudesse atestar a sua competência diante do pedagógico e do escolar, os médicos procuraram ser reconhecidos também como profissionais da área da educação.

Esses discursos higienistas também circularam na Amazônia e, mais especificamente, em Belém do Pará no período que marca as duas primeiras décadas do século XX[3]. É importante ressaltar

[3] Embora a presente análise não se debruce sobre os discursos dos médicos, mas sim dos cirurgiões dentistas, cabe informar que, em 1912, o médico Américo de Campos, que foi lente catedrático das disciplinas relacionadas à higiene na Escola Normal do Pará, produziu um livro intitulado *Noções Geraes de Hygiene*, mostrando minuciosamente os princípios higienistas também para o espaço escolar.

que, nesse período, os periódicos da área educacional que circularam nesta capital, como *O Ensino*, bem como matérias desse cunho publicadas em jornais, apontavam a premente necessidade da introdução de princípios da higiene nas instituições de ensino da época[4]. Nessa mesma perspectiva, constatou-se que os cirurgiões dentistas também tiveram participação nesse processo na capital paraense. Mas de que maneira eles participaram? Será que eles também tiveram pretensões pedagógicas?

O propósito deste trabalho é analisar os discursos higienistas dos cirurgiões dentistas paraenses que foram veiculados na imprensa paraense na segunda década do século XX, mais precisamente, em artigos publicados no jornal *Estado do Pará* e no periódico educacional *O Ensino*, bem como buscar a relação com a perspectiva de intervenção na prática educacional nas escolas públicas de Belém nesse período. É importante observar que não se trata de periódicos ou de publicações específicas sobre o tema higiene, mas sim de artigos ou matérias publicados aleatoriamente.

Para esta análise, contribuem as concepções teórico metodológicas sobre a análise do discurso. Nesse sentido, é importante considerar que, conforme Foucault (2014), existem redes de instituições e sujeitos que têm o poder de dizer quando, onde e por quem um discurso pode ser proferido. Isto nos dá elementos para entender que tais discursos não poderiam ser ditos ou escritos por qualquer pessoa, em qualquer espaço de circulação, naquele determinado momento histórico. Portanto, os sujeitos envolvidos na produção e circulação de tais discursos, ou seja, os cirurgiões dentistas, ocupavam posições privilegiadas na sociedade da época que lhes permitiam proferir esses discursos.

Foucault (2014, p. 10) assevera, ainda, que existem mecanismos que impedem o pronunciamento de sujeitos posicionados fora da ordem do discurso, que os excluem, seja por interdição, rejeição ou pela oposição entre o verdadeiro e o falso discurso, que se apoiam num suporte institucional e são reforçados por todo um conjunto de práticas discursivas, como a pedagógica e a científica, por exemplo, assim como pelos poderes a elas atrelados.

2 O *“ENSINO ESPECIAL DA HIGIENE DA BOCA”*

Assim como os médicos, os cirurgiões dentistas também voltaram seus discursos para o processo de higienização das escolas, defendendo propostas de implantação de serviços e de ensino. De acordo com Mott *et al* (2008), entre as propostas de implantação de serviços, destacam-se as que eram voltadas para os cuidados das crianças pobres e para os alunos das escolas públicas.

[4] Para mais detalhes sobre os discursos higienistas na educação paraense, ver Santos, Lopes e Santos (2021).

Em 1911, o jornal *Estado do Pará* publicou um artigo intitulado *Ensino especial da higiene da boca*, escrito por Antônio Magno e Silva, cirurgião dentista paraense. Nesse ponto, vale lembrar que Antônio Magno e Silva diplomou-se Cirurgião Dentista no curso de odontologia anexo à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Teve, também, uma atuação bastante difundida em Belém do Pará, tanto na área da saúde quanto na política local, nas quais foi um dos fundadores da Escola Livre de Odontologia do Pará, criada em 1914, onde atuou como professor e diretor, entre os anos de 1914 a 1938, sendo, ainda, Deputado pelo Congresso Legislativo do Estado (LIMA, 2016, p. 40).

No referido artigo, observamos que o cirurgião dentista Antônio Magno e Silva enfatiza os países europeus, que seriam considerados avançados e modernos, para mostrar a importância do movimento de criação de um ensino especial da higiene bucal nas escolas públicas. Para ele, o bem que traria a medida de implantação da higiene bucal nas escolas era evidente. Para isso, bastava observar o que havia de mais avançado na Europa.

> O interesse que, nestes últimos anos, vem despertando a atenção dos governos europeus sobre a necessidade da criação, nas escolas públicas, do ensino especial da higiene da boca, mostra-nos o quanto eles se interessam pelo bem que isto, em larga soma, poderá trazer aos seus concidadãos (SILVA, 1911, p. 1).

Isso era um atestado de que a higiene bucal tornaria-se uma realidade a ser alcançada, pois, em decorrência disso, por toda parte, estariam surgindo “associações e corporações científicas encarregadas, todas elas, de melhor estudar as bases dos seus programas” que, na medida em que fossem aceitos, tão logo seriam colocados em prática.A justificativa para a implementação de uma medida como esta baseava-se nos benefícios observados em experiências similares realizadas em diversos locais da Europa, os quais Magno e Silva considerava ser de amplo alcance. O motivo era que os governos passaram a exigir, de forma obrigatória, a realização de exames dentários em locais onde era necessário, abrangendo desde as escolas públicas, que atendiam um grande número de crianças carentes, até as instituições de ensino superior. Esta abordagem visava garantir uma fiscalização adequada da saúde bucal e estava embasada nos resultados positivos colhidos em iniciativas semelhantes. Magno e Silva também ressaltou o fato de que, embora parecesse ser somente uma exigência da classe dos dentistas (o que de fato era), não haveria prerrogativa para ser acatada pelos poderes públicos, mas a medida foi aceita e implantada nos locais por ele citados (SILVA, 1911, p. 1).

O cirurgião dentista destacou que esse modelo de empreendimento teve origem na Rússia, em 1896. Naquele ano, os dentistas russos fizeram uma petição ao Ministro do Interior para a criação de uma repartição dentária no país. Essa solicitação foi prontamente atendida, levando ao surgimento dessa estrutura, que logo obteve adeptos e se expandiu para outros países, como França, Alemanha, Japão, Inglaterra, Suécia, entre outros. Magno e Silva assinala que, nesses países, a implantação

ocorreu por imposição liberal, de utilidade pública, e os ensinamentos haviam produzido grandes benefícios. Sendo assim, cita que, no México, em 1908, foram realizados exames dentários em crianças de 250 escolas, revelando que todas necessitavam de cuidados e o mesmo estaria ocorrendo em outros lugares.

A pesquisa desenvolvida por Mott *et al* (2008) aponta que o dentista Frederico Eyer, quando exerceu o cargo de inspetor geral da Associação Paulista de Assistência Dentária Escolar de São Paulo, era um “grande defensor da prevenção e do tratamento dos dentes das crianças”, e que São Paulo teve um papel pioneiro nesse campo no Brasil. Mott *et al* (2008) afirma que, em 1908, a Associação Odontológica Paulista havia nomeado uma comissão para inspecionar os dentes das crianças que frequentavam escolas públicas na capital. A partir da década seguinte, nas escolas da capital paulista e do interior do estado, começaram a funcionar dispensários dentários destinados ao tratamento bucal das crianças pobres, tal iniciativa era patrocinada por senhoras da elite paulista.

O fato é que, para Magno e Silva, assim como acontecia nos países citados anteriormente, poderia-se supor o que ocorreria pelas escolas paraenses e o resultado prático que teriam no dia em que fosse “também obedecida a praxe daquele ensino”. Ele afirma, ainda, que, embora fosse uma nação nova, o Brasil estava caminhando, prosperando e progredindo a passos vertiginosos, comparado ao velho mundo, onde o progresso das ciências seria considerado avançado. Por isso, não haveria motivo para descontentamento. Ao apresentar sua proposta, ele enfatizava que:

> As ciências aqui, como no velho mundo, não estão paradas. A odontologia própria, em nossos dias, não é a mesma exercida nos lendários tempos hipocráticos. Como parte da medicina que é, ela tem evoluído sensivelmente. E é com satisfação que assim registramos este fato, hoje, que do norte ao sul do país, uma legião de odontologistas distintos vêm se batendo pela mesma teoria, pregando pela tribuna, pela imprensa, pela palavra, o mesmo valor desses conceitos, que, talvez, em um futuro não muito longínquo, possam ainda ser tomado como objeto de patentes, porque desta forma os governos dos Estados, empenhados como se acham na magnânima obra de remodelamento do ensino primário, prestariam inestimável benefício à infância se, ao lado dos novos métodos de instrução, introduzidos nas escolas, colocassem uma assistência de Clínica Odontológica. (SILVA, 1911, p. 1).

O surgimento de várias instituições cuja finalidade era proporcionar os cuidados dentários das crianças nas escolas públicas nesse período corrobora as afirmações de Magno e Silva e também evidencia os efeitos da circulação dos discursos dos cirurgiões dentistas, embora o debate envolvendo a criação de instituições seja mais amplo. Mas como exemplo, podemos citar a comissão para inspecionar os dentes das crianças da Associação Odontológica Paulista, criada em 1908, conforme vimos anteriormente; e o Dispensário Dentário Escolar de São Paulo, criado em 1912 (MARTINO *et a*l, 2010).

Vale ressaltar que esse era um momento em que a Medicina (e a Odontologia era considerada parte dela, ou pelo menos se pretendia) também tinha como foco a educação, demonstrada por meio de iniciativas de assistência e proteção à infância, bem como a prescrição de práticas adequadas para o cuidado do corpo, o que incluía as orientações às famílias de como cuidar das crianças, desde a lactação, o crescimento, a educação e o desenvolvimento mental, conforme Stephanou (2011, p. 148). Então, a proposta de introdução da odontologia nas escolas, apresentada e defendida por Magno e Silva, era algo que abrangia além da simples tarefa, realizada pelos professores primários, de educar sobre a higiene bucal. Não se tratava apenas de instruir as crianças sobre os cuidados bucais. Esse processo deveria ser feito pelos profissionais da odontologia, pois "assim, facilmente seria zelada a saúde das crianças e inculcada no seu cérebro, por profissionais competentes, a necessidade de cuidarem de seus dentes". (SILVA, 1911, p. 1).

O discurso de Magno e Silva criticava o modo de ensinar dos professores, mas também servia, por via de regra, para se infiltrar no meio social abarcando maior clientela para si, uma vez que os profissionais formados em academias ainda eram preteridos, enquanto que os dentistas práticos tinham mais aceitação na sociedade. Segundo ele, as crianças geralmente tratavam os dentes com menosprezo, sobretudo "nos colégios, onde, se não possuem quem esteja incutindo no espírito a ideia de sua conservação, pouco se lhes dão que a cárie os vá inutilizando" (SILVA, 1911, p. 1). Para ele, fazia-se necessário a intervenção dos cirurgiões dentistas no ensino nas escolas, pois somente mais tarde é que as crianças iriam compreender o mal que a falta de cuidado ou do zelo correto poderia causar aos dentes. De tal modo, era um dever os cirurgiões dentistas instruírem as crianças, no sentido de mostrar os sofrimentos que poderiam passar, tendo sua saúde prejudicada.

A preocupação de Magno e Silva com a saúde das crianças era evidente e motivada, pois, nessa época, a boca era considerada porta de entrada de várias doenças como, por exemplo, a tuberculose. Conforme Mott *et al* (2008, p. 105), acreditava-se que as condições dos dentes estariam relacionadas a outros aspectos da saúde, inclusive física e mental das crianças, "até entre dentição, delinquência e aproveitamento escolar" o que havia motivado "dentistas e educadores a iniciar campanhas, implantar serviços, escrever contos infantis pedagógicos, livros educativos para as mães e divulgar a necessidade do uso de escovas de dentes e dentifrícios".

Alinhado às concepções de higiene da época e ao pensamento da "era bacteriológica", Magno e Silva afirmava que "A boca, pelo estudo dos micro-organismos, é um perfeito receptáculo de germens, que aí vivem esperando simplesmente uma oportunidade para, no primeiro ato de descuido, atacarem-nos como inimigos traiçoeiros" (SILVA, 1911, p. 1). Portanto, se a ciência, que ele considerava ter "regras seguras e infalíveis", estaria cedendo as armas para lutar contra esses ataques,

porque não haveriam de usá-la “quando a higiene dentária não tem outro fim que prevenir os dentes ou, de um modo mais geral, a boca, contra as ações nocivas desses parasitas?”. Dizia ele que a ciência “estabelece regras tão seguras e infalíveis que basta, apenas, para isso, que saibamos conhecer a natureza dos agentes *morbígenos* e as circunstâncias que concorrem, como elementos poderosos, para favorecerem a sua ação no nosso organismo” (SILVA, 1911, p. 1). A natureza “infalível” da ciência tem mais uma demonstração no discurso de Magno e Silva, quando relata o método pelo qual as doenças são combatidas. “Assim, de posse desses elementos, ela destrói os focos de infecção em sua origem e aniquila completamente o poder nocivo desses germens” (SILVA, 1911, p. 1).

Ao argumentar sobre a importância de se ter cuidados com a saúde bucal, Magno e Silva considera ser “inegável que uma boca sã, com os dentes bem conservados, seja para a face um belo ornamento; e ao contrário disto é a impressão má que sempre nos causa uma boca desguarnecida de dentes”. Isto justificaria, mais uma vez, que profissionais habilitados, os cirurgiões dentistas, ensinassem a importância da manutenção adequada dos dentes às crianças. E, enquanto não pudessem “possuir esses ensinamentos, professado nas escolas”, que fossem eles “os dentistas os seus mestres, falando-lhes nas conferências públicas e escrevendo-lhes pelas colunas dos jornais e pelas páginas dos livros”. (SILVA, 1911, p. 1).

2.1 A higiene oral no contexto escolar

A proposta correspondente à introdução do ensino de higiene bucal nas escolas também foi um assunto abordado no artigo intitulado *Higiene Oral: A árvore de Natal da Sociedade Dentária do Pará às criancinhas indigentes de Belém*, publicado no jornal *Estado do Pará*, no ano de 1915, portanto, quatro anos após a publicação do artigo de Magno e Silva, no mesmo jornal. A estratégia de utilizar exemplos de outros países, considerados modernos, para valorizar a prática odontológica que se pretendia instalar nas escolas públicas, também esteve presente no discurso do cirurgião dentista Júlio Muniz, autor do artigo. Nesse artigo, Muniz afirma que os cirurgiões dentistas recebiam apoio das variadas instâncias dos Estados, na Europa e nos Estados Unidos, onde a higiene pública dentária já havia se consolidado.

> Não é de admirar, portanto, que a higiene pública dentária seja uma questão internacional. E, assim, na Europa e na América onde o resultado prático das clínicas dentárias já está reconhecido, os cirurgiões dentistas não trabalham sozinhos. O Governo, os Departamentos dos Estados, e todas as organizações militares, escolares e hospitalares, contribuem com a sua parte de trabalho e auxílio. (MUNIZ, 1915, p. 1).

Muniz ressalta que, nos diversos países da Europa e da América do Norte, tidos como países adiantados, os cirurgiões dentistas estariam contribuindo para a implantação desses serviços dentários

nas escolas e que um grande número de estabelecimentos teria sido criado a partir das ações de seus correligionários.

> Na Grã-Bretanha foram Firber e Cunningham quem introduziram a prática de examinar a boca da criança no ato da sua admissão escolar. Na Dinamarca e na Suécia, Christensen, Forberg, Haderup e Lenhaldtson estabeleceram, também, o cuidado dentário escolar. Na Alemanha, o Dispensário de Estrasburgo, na Alsácia, sob a proficiente direção do professor Ernest Jessen, é um modelo no gênero que serviu de exemplo para os seus 213 estabelecimentos congêneres. A Suíça, a Noruega e a Rússia estabeleceram clínicas semelhantes. Só Londres contém vinte Dispensários Dentários, e a América do Norte apresenta o seu magnífico Dispensário Modelo: o Forsyth de Boston, onde mais de 2.000.000 de crianças possuem o direito de ser examinadas e tratadas! (MUNIZ, 1915, p. 1).

Para justificar a relevância desse empreendimento para a sociedade paraense, Muniz reforçou, em seu discurso, o valor que os exemplos citados demonstram, afirmando que "este cuidado internacional dentário nas escolas" deveria ser suficiente "para provar o seu resultado benéfico", que certamente se obteria no contexto paraense, caso viessem a adotar esse ensino nas escolas.

Nesse mesmo artigo, Muniz ressalta a importância da realização de uma festa de natal, a qual teria como modelo algo semelhante ocorrido na cidade de *Detroit* nos Estados Unidos, consistindo na montagem de uma árvore de natal contendo *kits* de higiene oral para cuidados bucais das crianças pobres de Belém e não simplesmente doações de brinquedos. Esta festa, segundo ele, teria caráter humanitário, pois a ideia era que fosse realizada pelos membros da Sociedade Dentária do Pará[5], em parceria com as "distintas senhoras e senhoritas" pertencentes à elite da sociedade belemense, em um humanitário ato de caridade, conforme a proposta.

> O meu distinto colega e amigo, dr. Alberto Pereira, presidente da Dentária do Pará, apresentou, anteontem, na sessão mensal ordinária dessa agremiação, a proposta, por unanimidade aceita, de fazer-se, no próximo dia de Natal, uma festa semelhante à do Dispensário Dentário de Detroit. Já foram fornecidas inúmeras listas a distintas senhoras e senhoritas no nosso *"set"*. Essa festa de caridade que prestará um real benefício às pobres criancinhas de Belém, realizar-se-á na manhã de 25 de dezembro vindouro, num dos nossos mais conhecidos e benquistos grêmios esportivos (MUNIZ, 1915, p. 1).

O discurso higienista, como já mencionado, teve presença marcante no início do século XX e, tanto no âmbito nacional como no contexto paraense, passou a fazer parte das ideias defendidas pelos cirurgiões dentistas como estratégias para melhorar sua aceitação na sociedade. Aliado ao discurso da caridade, o discurso do higienismo, defendido pelos cirurgiões dentistas, passou a usar argumentos que teriam como finalidade criar a necessidade de o poder público investir na implantação de um conjunto

[5] A partir de 1915, surgiram registros sobre a *Sociedade Dentária do Pará* no jornal *Estado do Pará*, informando sobre reuniões de seus membros. Entretanto, conforme a revista Norte Odontológico (1917, p. 40), ela havia sido criada em 1910, "resultado dos esforços tenazes e do verdadeiro amor pela odontologia, de um punhado de moços cheios de ideias e compenetrados do valor desta parte das ciências médicas". Embora não tenham sido encontrados outros registros sobre ela, como Estatutos, Atas das Reuniões, etc, sabemos que ela congregava cirurgiões dentistas como Alberto Pereira, Salgado dos Santos, Magno e Silva, Antônio Borges, Júlio Weinberger, Abel da Costa, Carmelino Salgado, Jefferson Ramos, Luiz Pacheco, Brito Pontes e Júlio Muniz. (ESTADO DO PARÁ, segunda-feira 7 de junho de 1915, p. 2).

de dispositivos. Estes teriam como finalidade principal a educação dos corpos dos alunos das escolas públicas, via inculcação de preceitos higiênicos.

Mostrar para a sociedade as mazelas desvalidas existentes na classe pobre, junto à ideia de realizar um natal que contemplasse as crianças pertencentes a esse grupo, além de exercitar a prática da caridade, conforme o discurso de Muniz, também seria uma ótima oportunidade de criar essa necessidade de ação do governo e ainda fazer propaganda da higiene oral. Muniz enfatiza, abertamente, que “a árvore de Natal da Sociedade Dentária do Pará significará o seu modesto concurso a essa solenidade patriótica, e o seu primeiro passo em prol da Propaganda de Higiene Oral, que se propôs fazer”. (MUNIZ, 1915, p. 1).

Segundo ele, **“**a base fundamental da higiene pública bucal” estaria “no cuidado que se deve ter com as crianças das Escolas”. “Salvar o primeiro molar permanente; prevenir o desfiguramento e o mau desenvolvimento dos dentes e dos maxilares; manter em condições saudáveis a boca de uma criança é colocar um alicerce útil na sua vida individual”. Eliminar os dentes estragados e cuidar dos saudáveis deveria ser tarefa das clínicas dentárias escolares. (MUNIZ, 1915, p. 1).

No discurso do cirurgião dentista, é possível identificar a afirmação de que esse movimento de expansão dos cuidados dentários nas escolas, mundo afora, seria suficiente para comprovar os benefícios desse empreendimento cuja Sociedade Dentária do Pará objetivava implantar nas escolas públicas da cidade de Belém, a exemplo do que ocorreria em outros países. É importante assinalar que, na época, o Brasil também já apresentava semelhantes serviços, como é o caso de São Paulo, conforme assinalam Martino *et al* (2010).

Não haveria como e nem quem contestasse “o efeito moral de uma festa assim”, afirmava Muniz (1915, p. 1), pois a ação em questão provocaria “nas crianças, junto a um sentimento de prazer, uma reflexãozinha de que não se deve recear o dentista”. A ideia era tornar os cirurgiões dentistas, diplomados nas academias, mais bem vistos perante a sociedade, pois boa parcela da população ainda preferia ir ao curandeiro ou, no máximo, ao dentista prático (LIMA, 2016).

Para ele, “uma sugestão instrutiva essa, principalmente, onde há adultos que nos fazem passar por meras ‘denticuras’[6] armados de mastodônticos e arcaicos ‘boticões’! (*Oh! The horrible name!*)” (MUNIZ, 1915, p. 1). O trecho do texto descreve a reputação negativa que os cirurgiões dentistas enfrentavam devido à atuação de praticantes ilegais. Essa má fama baseava-se no fato de que esses

[6] Procedimento odontológico especial, a palavra “denticuras” está associada a manicura (relativo à manicure) (Algo sobre caries y periodontitis, 2009).

profissionais causavam danos à saúde das pessoas devido ao uso de instrumentos antigos e desajeitados, o que prejudicava a imagem dos cirurgiões dentistas formados nas faculdades. Esse era um problema que preocupava os cirurgiões dentistas, tendo em vista que, mesmo depois da descoberta da anestesia, prática pouco comum para a cidade de Belém na época, as pessoas temiam os dentistas.

É importante lembrar que, embora a anestesia já viesse sendo utilizada desde a primeira metade do século XIX, conforme assinalada anteriormente, em muitos lugares, ela ainda não havia sido introduzida (REZENDE, 2009). Era um procedimento prático pouco comum, visto que, de acordo com os anúncios nos jornais, poucos consultórios dentários realizavam extrações com a técnica de anestesia. Então, conforme asseverou Muniz (1915, p. 1), "uma festa assim e uma ideia assim, deviam calar num espirito bondoso e progressista", sendo uma propaganda para a higiene oral que os cirurgiões dentistas pretendiam instituir.

As justificativas para a implantação dos serviços odontológicos nas escolas vinham de diversas formas. Muniz acreditava que o cuidado dentário, quando realizado de maneira profilática, desempenhava um papel importantíssimo no enfrentamento de doenças contagiosas do aparelho digestivo, muito particularmente nas consequências secundárias de doenças infecciosas como: a febre escarlatina, a febre tifoide, o sarampo e a difteria. Além disso, ele questiona: "Quantas anomalias dentárias de aspecto inestético e repelente, que muitas pessoas apresentam na idade adulta, não teriam sido corrigidas e removidas se tivesse havido um cuidado especial dos dentes na época das dentições?!". Acrescenta, ainda, "[...] que essas anomalias são mais fáceis de se corrigir na infância, visto que os tecidos, nessa época, oferecem menor resistência e facilmente a aplicação de aparelhos ortodônticos." (MUNIZ, 1915, p. 1).

Quanto a realização da "festa da caridade", projetada pelos cirurgiões dentistas da Sociedade Dentária do Pará, cabe ressaltar que esta contava com uma palestra educativa a ser realizada. Na edição do dia 24 de dezembro de 1915, o jornal *Estado do Pará* noticiava que a Sociedade Dentária do Pará havia marcado, para o dia 25 de dezembro, "às 8 horas do dia, no forte do Castelo, a primeira conferência sobre higiene oral da série com que essa sociedade pretende ocupar-se do assunto".

> Em torno de duas árvores do Natal fartamente ornamentadas com brinquedos, bombons e objetos indispensáveis ao asseio da boca, deverá reunir, àquela hora, o grande número de crianças pobres, portadoras dos cartões que a sociedade fez circular. A distribuição dos valiosos mimos, que irão encher de alegria a *petizada* carente de agrado, será precedida de interessante e ligeira palestra sobre os cuidados que a boca requer nessa primeira fase da vida, em que os carinhos maternos não devem perder de vista os preceitos higiênicos. Essa conferencia que encerrará os mais proveitosos conselhos às mães de família, está a cargo do dr. Magno e Silva, diretor e professor da Escola de Odontologia. (ESTADO DO PARÁ, edição de sexta-feira, 24 de dezembro de 1915).

Anos mais tarde, Muniz voltaria a destacar a utilidade e a importância da higiene oral, em artigo publicado em 1919, no periódico *O Ensino*, que também serviu de veículo para a propagação de ideias higienistas proferidas pelos cirurgiões dentistas. Trata-se do artigo intitulado *A Higiene quotidiana da boca: a sua importância profilática nos casos de epidemia*, no qual o autor apresenta “condensados e traduzidos” de uma publicação do dentista e professor de uma Escola de Estomatologia da França, chamado Pierre Robin. Nesse artigo, Muniz (1919) argumenta que não haveria, naquela época, quem não reconhecesse a utilidade da higiene diária da boca. Os conselhos de profilaxia, inclusive, orientavam a proteção das vias respiratórias e da higiene da boca para evitar a propagação da gripe[7]. Embora a atual análise esteja focada nas questões da relação entre a higiene oral e a escola, esse relato é prognóstico do quanto os cirurgiões dentistas estavam imbuídos na defesa da higiene oral naquele período histórico.

2.2 Higiene oral escolar e assistência dentária

No que diz respeito à relação entre o tema higiene oral nas escolas e a prática da assistência dentária prevista pelos cirurgiões dentistas, conforme vimos anteriormente, embora não tenha sido possível notar a materialização das propostas dos cirurgiões dentistas por meio da criação de uma clínica dentária escolar, similar ao Dispensário de Assistência Dentária Escolar de São Paulo, de 1912, é importante ressaltar que há indícios de que esse serviço teria sido realizado de outra maneira.

Nesse sentido, entra em cena a Clínica de Assistência Dentária, criada em 1915, no âmbito da Escola Livre de Odontologia do Pará. Esta escola, precursora da atual Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Pará, foi criada em 1914 e tinha como finalidade formar profissionais de nível superior com base nos conhecimentos científicos, contrapondo-se aos conhecimentos dos que praticavam a arte dentária, sem formação acadêmica, os dentistas práticos, chamados pejorativamente de *saca-moelas*[8] pelos cirurgiões dentistas. A Escola foi fundada como uma instituição particular e era mantida com recursos provenientes de pagamentos de mensalidades, taxa de matrículas, taxa de exames, além de doações do governo do Estado (LIMA, 2016, p. 37).

Em 1915, os membros da Congregação da Escola Livre de Odontologia do Pará criaram uma Clínica de Assistência Dentária, a qual passaria “a atender, sob as vistas dos professores de clínica, dentisteria operatória e técnica odontológica” um “extraordinário número de pacientes” que

[7] Vale lembrar o período histórico vivido pela pandemia de gripe espanhola, que infectou cerca de um quinto da população mundial naquela época e estima-se que matou cerca de 50 milhões de pessoas em todo o mundo, “ultrapassando o resultado de quatro anos de guerra global ininterrupta”. (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 13).

[8] Uso pejorativo da palavra *sacamuelas* que em espanhol significa: tira dentes, saca dentes.

procuravam diariamente e de forma gratuita “receber os cuidados impostos pela higiene oral”. Este serviço era mantido exclusivamente pela Escola Livre de Odontologia e cumpria itinerários “duplamente benéficos”: pelo caráter assistencial aos desvalidos e pelo treinamento proporcionado aos futuros cirurgiões dentistas. (NORTE ODONTOLÓGICO, 1917, p. 42)

A Clínica destinou-se a prestar serviços odontológicos gratuitamente para pessoas desvalidas, dentre elas, asilados do Hospício dos Alienados e presos da Cadeia *Teffé*. Porém, a Clínica também se destinou a prestar serviços àqueles que podiam pagar. Entretanto, outro propósito dela era dar experiência profissional aos alunos da Escola Livre de Odontologia, ou seja, “preparar verdadeiros profissionais que, ao receber o seu diploma”, apresentar-se-iam “com dois anos de efetiva prática e três de preparo teórico” (NORTE ODONTOLÓGICO, 1917, p. 42).

O serviço especial de higiene bucal nas escolas da capital paraense teria sido realizado em uma espécie de parceria com a Clínica de Assistência Dentária, conforme o governador do Estado, Lauro Sodré, garantindo que os serviços fossem realizados nas escolas. Sodré (1919), em sua mensagem ao Congresso Legislativo do Estado, em 1919, assinala que o serviço de higiene oral escolar não havia sido contemplado com a criação de uma assistência dentária, mas que isto estaria sendo realizado pela Clínica da Escola Livre de Odontologia.

> Não nos foi dado ainda completar essa medida criando a assistência dentária. Mas, para atenuar essa falta, conseguimos que esse serviço fosse feito regularmente, como se está fazendo, pelos professores da Escola Livre de Odontologia do Pará (SODRÉ, 1919, p. 116)

Deste modo, podemos afirmar que a criação da Clínica de Assistência Dentária teve a importante finalidade de prestar “gratuitamente” serviços dentários aos desvalidos da cidade de Belém, sendo beneficiadas também as crianças das escolas públicas.

3 Considerações finais

Com o intuito de compreender como as propostas dos cirurgiões dentistas se inscreveram nos discursos higienistas ligados à educação, esta análise dedicou-se às matérias publicadas em jornais e no periódico educacional, cujos autores eram cirurgiões dentistas que defendiam ideias de se introduzir a higiene oral nas escolas, de forma prática e não apenas teórica. Conforme observado no texto, podemos constatar que as propostas buscavam intervir diretamente na prática nas escolas paraense, provocando mudanças nos hábitos higiênicos bucais dos estudantes locais.

Os dentistas, como observamos, estavam na ordem do discurso, pretendiam que houvesse o ensino de higiene odontológica nas escolas, não somente em teoria, mas que fosse um ensino prático, no sentido de produzir a incorporação de bons hábitos e costumes de higiene nos estudantes, para que

houvesse aceitação e não rejeição ou temor a esses profissionais. Isso possivelmente seria benéfico aos profissionais dentistas, pois possibilitaria, no futuro, melhor inserção e aceitação desses profissionais na sociedade. Portanto, pretendia-se introduzir um espaço para sua atuação nas escolas, requerendo a criação de clínicas para o tratamento dentário dos alunos, associadas ao espaço educacional, onde os ensinamentos deveriam ser realizados também pelos cirurgiões dentistas que seriam os profissionais especializados na área e não com meras instruções realizadas pelos professores.

Ao que indicam as fontes consultadas nesta pesquisa, embora não nos possibilitem elucidar a concretização das propostas veiculadas na imprensa pelos cirurgiões dentistas citados, no ímpeto do movimento higienista, estes também tentaram abraçar o saber escolar. Sendo a escola um dos principais alvos de propagação das normas higienistas, cabendo aí grande oportunidade, não necessariamente de dominação, mas, em grande parte, a possibilidade futura de controle dos corpos da sociedade. Os profissionais da área da saúde, incluindo os cirurgiões dentistas, também projetaram o seu interesse na escola, almejando uma chance de obter espaços na educação dos estudantes, visando influenciar suas práticas de cuidado com o corpo. Ademais, no que concerne a esta análise, podemos afirmar que ela se torna relevante para o entendimento dos processos pelos quais um campo de conhecimento é construído, bem como pode contribuir para elucidar o momento em que uma área de saber disciplinar, como a própria higiene, por exemplo, é inserida no currículo educacional, trazendo versões históricas sobre as múltiplas relações que se inscrevem na construção do conhecimento, em determinados contextos. Por fim, ela permite conjecturar a respeito de como os profissionais da saúde, mais especificamente os cirurgiões dentistas, lidaram com o campo educacional, ao proporem mudanças e ao tentarem se tornar elementos importantes na constituição deste campo.

Referências Bibliográficas

ALGO SOBRE CARIES Y PERIODONTITIS. 2009. Disponível em: <http://www.dent-wiki.com/es/dentistry/something-about-caries-and-periodontitis/>. Acesso em: 28 de julho de 2021.

ALVES, J. J. A. **Ciência Pasteuriana e o projeto dominante de higiene e modernização na Primeira República**. In.: DIAS, André Luís Mattedi. *et al* (Orgs.). *Perspectivas em Epistemologia e História das Ciências*. Programa Centro de Estudos Avançados, UEFS, UFBA, 1997.

CAMPOS, A. ***Noções geraes de Hygiene***. Belém: Editora Livraria Escolar, 1912.

DAOU, A. M. ***A Belle-Époque Amazônica***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

DIAS, E. M. **A ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920.** 2ª edição, Manaus: Editora Valer, 2007.

ESTADO DO PARÁ. Edição de segunda-feira, 7 de junho de 1915.

ESTADO DO PARÁ. Edição de sexta-feira, 24 de dezembro de 1915

FERREIRA, A. G. **Higiene e controle médico da infância e da escola.** Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n.59, p. 9-24, abril 2003. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jrskPyMrLQhhXvb7cjdkkSP/?format=pdf >. Acesso em: 12 de março de 2021.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 14ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LIMA, M. C. **A institucionalização do ensino odontológico na Escola Livre de Odontologia do Pará**: dos "sacamuelas" aos cientificistas (1911-1920). Dissertação (Mestrado). – Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação em Ciências e Matemáticas, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Belém, 2016, pp. 97.

SILVA, A. M. **Ensino especial da higiene da boca**. In.: ESTADO DO PARÁ, Belém, edição de quarta-feira, 12 de abril de 1911.

MARTINO, L. V. S.; BOTAZZO, C; ZILBOVICIUS, C. **Os caminhos públicos da odontologia paulista no início do século XX**. Cadernos de História da Ciência – Instituto Butantan – vol. V (1), jan-jul 2010. Disponível em:< https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/his-24675 >. Acesso em: 3 de dezembro de 2019.

MOTT, M..; ALVES, O.; MUNIZ, M.; MARTINO, L.; SANTOS, A.; MAESTRINI, K. **'Moças e senhoras dentistas**': formação, titulação e mercado de trabalho nas primeiras décadas da República. *História, Ciências, Saúde –Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, Supl., p.97-116, jun. 2008. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/hcsm/a/nsTwdxBB5VFy9vmwbYQYHwP/?lang=pt>.Acesso em: 23 de fevereiro de 2020.

MUNIZ, J. **Higiene Oral**: a árvore de Natal da Sociedade Dentária do Pará às criancinhas indigentes de Belém. In.: ESTADO DO PARÁ. Belém, edição de sábado, 7 de agosto de 1915.

MUNIZ, J. A Higiene quotidiana da boca: a sua importância profilática nos casos de epidemia. ***O Ensino***, n. 13 e 14, vol. 1, *ago.-set.*, 1919.

NORTE ODONTOLÓGICO. **Revista Trimensal**. Redatores: Alberto de Moura Pereira, Carvalho Lima e Britto Pontes. Belém - Pará, vol. 1, março 1917.

REZENDE, J. M. **À sombra do plátano**: crônicas de história da medicina. São Paulo: EditoraUnifesp, 2009. Breve história da anestesia geral. pp. 103-109. ISBN 978-85-61673-63-5. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>. acesso em: 18 de junho de 2019.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a *Belle Époque* (1870-1912). 2ª ed. – Belém: Paka-Tatu, 2004.

SCHWARCZ, L.; STARLING, H. **A bailarina da morte**: a gripe espanhola no Brasil. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SCHWARCZ, L.; STARLING, H. **Brasil**: uma biografia. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SODRÉ, L. **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Pará em sessão solene de abertura da 2ª reunião da sua 10ª legislatura a 7 de setembro de 1919**. Belém: Typographia da Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1919.

STEPHANOU, M. **Discursos médicos e a educação sanitária na escola brasileira**. In:STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (orgs.). Histórias e memórias da educação no Brasil, *Vol. III: século XX***.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.1.